



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DAS GRADUAÇÕES EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

HÉLCIA MACEDO DE CARVALHO DINIZ E SILVA

**ARQUÉTIPO DO FEMININO DA MÃE: POLIFONIA DE MÔNICA NAS OBRAS
AGOSTINIANAS *CONTRA OS ACADÊMICOS* (1957) E *A VIDA FELIZ* (1998)**

JOÃO PESSOA - PB

2023

HÉLCIA MACEDO DE CARVALHO DINIZ E SILVA

**ARQUÉTIPO DO FEMININO DA MÃE: POLIFONIA DE MÔNICA NAS OBRAS
AGOSTINIANAS *CONTRA OS ACADÊMICOS* (1957) E *A VIDA FELIZ* (1998)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Modalidade Artigo Científico), submetido nas coordenações dos Cursos em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, com apresentação perante banca, habilitação: Licenciatura, como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Ciências das Religiões.

Orientadora: Profa. Dra. Suelma Souza Moraes

JOÃO PESSOA - PB

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a Silva, Hércia Macedo de Carvalho Diniz e.
Arquétipo do feminino da mãe: polifonia de Mônica nas obras Agostinianas contra os acadêmicos (1957) e a Vida feliz (1998) / Hércia Macedo de Carvalho Diniz e Silva. - João Pessoa, 2024.
25 f.

Orientação: Suelma Souza Moraes.
Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Arquétipo do feminino da mãe. 2. Polifonia de vozes. 3. Ciências das religiões. I. Moraes, Suelma Souza. II. Título.

UFPB/CE

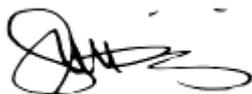
CDU 2(043.2)

HÉLCIA MACEDO DE CARVAHO DINIZ E SILVA

**ARQUÉTIPO DO FEMININO DA MÃE: POLIFONIA DE MÔNICA NAS OBRAS
AGOSTINIANAS CONTRA OS ACADÊMICOS (1957) E A VIDA FELIZ (1998)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Modalidade Artigo Científico), submetido à Banca Examinadora designada pela Coordenação do Curso de Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Ciências das Religiões.

Banca examinadora:



Profa. Dra. Suelma Souza Moraes
Departamento de Ciências das Religiões - DCR
Universidade Federal da Paraíba - UFPB



Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza
Departamento de Ciências das Religiões - DCR
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Documento assinado digitalmente



PEDRO FARIAS FRANCELINO
Data: 21/06/2023 22:14:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Pedro Farias Francelino
Departamento de Língua Portuguesa e Linguística - DLPL
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

João Pessoa, 14 de junho de 2023.

RESUMO

Esta pesquisa concentra-se na abordagem da mulher e sua capacidade de atuação no medievo a partir de Mônica, a mãe de Aurélio Agostinho de Hipona (354-430). Lança-se luzes no papel da mulher na sociedade medieval, quase esquecido e/ou apagado da história. O objetivo geral deste artigo é o de refletir sobre o arquétipo junguiano do feminino da mãe (Doravante mencionado por seus sinônimos: arquétipo da mãe ou da grande mãe) e a polifonia de vozes da mulher. São objetivos específicos, demonstrar conceitos das ciências das religiões como campo de pesquisa, desenvolver o conceito o arquétipo do feminino da mãe de Jung (1999, 2000, 2011) e apresentar a polifonia de vozes de Bakhtin (2002, 2003) para aplicar na análise do discurso dessa mulher extraído de trechos das obras agostinianas: *Contra os acadêmicos* (1957) e *A vida feliz* (1998). Trata-se de revisão de literatura, de natureza qualitativa, método de abordagem hermenêutico-sociológico, com base em livros, revistas científicas e *Websites*. Para tanto, perscruta-se essa mãe e mulher, cujos resultados esperados são elementos argumentativos dos referidos diálogos teológico-filosóficos.

Palavras-chave: arquétipo do feminino da mãe; polifonia; Ciências da Religiões.

ABSTRACT

This research focuses on the approach to women and their ability to act in the medieval period, starting from Monica, the mother of Aurelius Augustine of Hippo (354-430). It sheds light on the role of women in medieval society, a role that has been nearly forgotten and/or erased from history. The overall objective of this article is to reflect on the archetype of the feminine mother and the voice of women. The specific objectives include demonstrate concepts of the sciences of religions as a field of research, developing the concept of the feminine mother archetype in Jung (1999, 2000, 2011), and presenting the polyphony of voices from Bakhtin (2002, 2003) to apply in the discourse analysis of this woman, extracted from excerpts of Augustine's works: "Against the Academics" (1957) and "The Happy Life" (1998). This is a qualitative literature review, utilizing a hermeneutic-sociological approach, based on books, scientific journals, and websites. Therefore, this study examines the mother and woman in question, with the expected results being argumentative elements derived from the aforementioned theological-philosophical dialogues.

Keywords: Mother archetype; polyphony; Religious Studies.

SUMÁRIO

RESUMO.....	1
1 INTRODUÇÃO	4
2 ORGANIZAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	6
2.1 CAMPO DOS ESTUDOS DAS RELIGIÕES.....	7
2.2 CONCEITO DE ARQUÉTIPO DO FEMININO DA MÃE SEGUNDO JUNG	10
2.3 CONCEITO DE POLIFONIA DE VOZES SEGUNDO BAKHTIN	13
3 MÔNICA UM EXEMPLO DE ARQUÉTIPO DO FEMININO DA MÃE	14
3.1 VIDA DE MÔNICA.....	15
4 POLIFONIA DE VOZES DE BAKHTIN APLICADA AO DISCURSO DE MÔNICA.....	17
4.1 <i>CONTRA OS ACADÊMICOS</i> (1957):.....	17
4.2 MÔNICA NA OBRA <i>A VIDA FELIZ</i>	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS.....	23

**ARQUÉTIPO DO FEMININO DA MÃE: POLIFONIA DE MÔNICA NAS OBRAS
AGOSTINIANAS CONTRA OS ACADÊMICOS (1957) E A VIDA FELIZ (1998)**

***ARCHETYPE OF THE FEMININE MOTHER: POLYPHONY BY MONICA IN
AUGUSTINE'S WORKS AGAINST THE ACADEMICS (1998) AND ON THE HAPPY
LIFE (1957)***

Hélcia Macedo de Carvalho Diniz e Silva¹
Suelma Souza Moraes²

1 INTRODUÇÃO

Esta é uma pesquisa no campo das Ciências das Religiões, na qual a manifestação religiosa respeita a diversidade do contexto sociopolítico da religião, destacando o medievo, época que influenciou a evolução das estruturas da sociedade. Veyne (2009), em seu texto *História da vida privada* apresentou o Período Medieval como uma época frutífera, que aqui constitui o recorte temporal de pesquisa. A investigação norteia-se pela pergunta que se estabelece: Como Mônica se constitui arquétipo de feminino da mãe e sua voz recebeu do filho, Santo Agostinho (1957, 1984, 1998), um lugar de destaque?

Para responder esse problema de pesquisa adota-se o conceito de arquétipo desenvolvido pelo psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), “o arquétipo consiste em padrão de comportamento e/ou imagem primordial que se encontra no inconsciente coletivo” (Jung, 2011, p. 3). Serbena (2010, p. 3) explica, “arquétipos são estruturas que podem ser utilizadas como elementos ou base conceitual para compreender e explorar todos os tipos de experiências na função

¹ Concluinte do Curso de Licenciatura em Ciências das Religiões. Universidade Federal da Paraíba - UFPB. helciamacedo@gmail.com.

² Orientadora. Professora Doutora do Departamento de Ciências das Religiões. Universidade Federal da Paraíba - UFPB. suelma.moraes@academico.ufpb.br.

criativa”. Especificamente, investiga-se o conceito de arquétipo do feminino da mãe (Jung, 2011) a partir da mulher e mãe, Mônica, que se destacou, entre outras mulheres, no medievo.

Por um lado, delimita-se a pesquisa recortando o período histórico, como dito, o conceito de arquétipo do feminino da mãe e a condição de Mônica, mulher sábia aos olhos do filho, que lhe deu lugar de destaque por sua proeminente postura em diálogos teológico-filosóficos, a saber, *Contra os acadêmicos* (Santo Agostinho, 1957) e *A vida feliz* (Santo Agostinho, 1998).

Por outro lado, adota-se a teoria-metodológica da análise do discurso no que se refere à polifonia de vozes de Mikhail M. Bakhtin (1895-1975) para analisar o discurso de Mônica, nas referidas obras, com o fito de alcançar o objetivo geral deste artigo, que é o de refletir sobre a polifonia de Mônica como arquétipo do feminino da mãe (Jung, 2011), nas obras agostinianas *Contra os acadêmicos* (1957) e *A vida feliz* (1998). De modo específico, apresentar o conceito de arquétipo do feminino da mãe; mostrar o quadro teórico-metodológico segundo o conceito de polifonia de vozes de Bakhtin (2002); e, aplicar este conceito quando da análise do discurso de Mônica nas referidas obras. Esta pesquisa se justificativa pela necessidade de se aprofundar o papel da mulher no medievo. Sobre a escolha desse referencial teórico, primeiro o uso do quadro teórico-metodológico de Bakhtin (2002) para aplicar a análise do discurso de Mônica, uma vez que este filósofo e linguista russo legou a base se deu porque são os únicos textos de Santo Agostinho que contemplaram a participação efetiva da mãe

Trata-se, portanto, de uma revisão de literatura, de natureza qualitativa, método de abordagem hermenêutico-sociológico com base em livros, revistas científicas e *Websites* na fundamentação teórica. Como resultados, apresentam-se elementos do arquétipo do feminino da mãe, bem como a voz de Mônica, que se destacou no âmbito das discussões filosófico-teológicas, a partir do filho, Santo Agostinho (1957, 1984, 1998).

Para além dessa representatividade feminina de Mônica, vale salientar que há outras mulheres que se destacaram no medievo, como a abadessa Hildegarda de Bingen (1098-1179), a poetisa Cristina de Pisano (1364-1430) e a escritora Marguerite Porete (-1310), que foi mandada para a fogueira junto com seus livros. No entanto, a delimitação exige o foco na mãe de Santo Agostinho, mesmo sabendo que outras mulheres contribuíram com suas obras e feitos para a construção do conhecimento.

Conhecimento é, de fato, um campo vasto, por isso a necessidade de *organização teórica e metodológica da pesquisa*. Inicialmente, apresenta-se o *Campo dos estudos religiosos*, como fórum legítimo da presente reflexão; o conceito de arquétipo da mãe, segundo Jung (2011); e, o conceito de polifonia de vozes, segundo Bakhtin (2002). Avançando com o desenho de Mônica, *mulher e mãe*, em breve contexto da *vida de Mônica* e, por fim análise da *polifonia de vozes no discurso e do arquétipo do feminino da mãe*.

2 ORGANIZAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

Esta seção aborda as teorias que formam a base para esta investigação. Aborda-se o campo das Ciências das Religiões, haja vista o diálogo que envolve a Psicologia, com o conceito de arquétipo do feminino da mãe, segundo Jung (2011), a Linguística, com a teoria-metodológica de Bakhtin (2002), especificamente a polifonia de vozes, e os estudos religiosos, referindo-se ao exame da mulher no medievo a partir de Mônica, mãe de Santo Agostinho, por sua participação em diálogos filosóficos nos registros feitos por seu filho.

Estudos religiosos é uma nomenclatura usada como sinônimo de Ciências das Religiões. Refere-se ao estudo das crenças, textos sagrados, práticas sociais e fenômenos religiosos. O estudo do fenômeno humano em relação às religiões e ao forte impacto histórico é o recorte desta análise, destacando as sociedades medievais.

Segundo Veyne (2009), a lista de mulheres que se destacam por seu papel e influência na religião, no medievo, conta com os nomes de Hildegarda de Bingen (1098-1179), alemã, freira beneditina, mística e compositora, ficou conhecida por profetizar com visões que contribuíram para a teologia, música e medicina; Joana d'Arc (1412-1431), camponesa francesa que se destacou por sua participação na Guerra dos Cem anos liderando exércitos franceses contra o ingleses; Julian de Norwich (1342-1426), inglesa, mística e escritora, quando doente gravemente teve visões de Cristo e viveu uma experiência espiritual profunda, ficou conhecida pela obra *Revelações do Amor Divino*; e, Tereza de Ávila (1515-1582), que ficou conhecida como Santa Tereza de Jesus, freira carmelita, mística e escritora espanhola, com a sua ação contemplativa e austera desempenhou um papel essencial na reforma do Carmelo. Como dito, esses nomes são alguns entre outras mulheres que deixaram

marcas significativas, acrescenta-se na lista o nome de Mônica e a sua contribuição para a espiritualidade, teologia, literatura e práticas religiosas.

2.1 CAMPO DOS ESTUDOS DAS RELIGIÕES

Falar de Mônica, a mãe de Santo Agostinho, mulher que contribuiu com ato e discurso para o campo religioso, requer, antes, mostrar a caracterização desta pesquisa científica e situá-la nos estudos das religiões, uma vez que o ponto essencial para localizar o pesquisador, e seu campo de estudo, consiste em apresentar as características primordiais da investigação científica a que se propõe.

A especificidade da área das Ciências das Religiões, embora seja ancestral, encontra-se em interesse recente por parte dos estudos como a disciplina acadêmica, interdisciplinar e transdisciplinar, que tem como marco temporal do seu surgimento o século XIX, com a criação de departamentos acadêmicos. Sabe-se que há conhecimentos antes do início da Filosofia no Ocidente, mas o que torna o estudo sobre as religiões ainda mais jovem, quando se faz relação com os estudos filosóficos, é o surgimento da Filosofia, área mais radical do conhecimento, cuja definição mais ampla conforme Chauí (1994, p. 19) é “amor à sabedoria”, surgiu com os Pré-socráticos, no século V a.C, na Grécia, o berço da civilização ocidental.

A palavra *Filosofia* é grega. É composta por duas outras: *philo* e *sophia*. *Philo* deriva-se de *philia*, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais. *Sophia* quer dizer sabedoria e dela vem a palavra *sophos*, sábio. *Filosofia* significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber (Chauí, 1994, p. 19).

Nessa definição de Chauí (1994) *Filosofia* é uma palavra com dois radicais unidos formando outra palavra com sentido e significado próprios. Chauí (1994, p. 19) complementa, “Atribui-se ao filósofo grego Pitágoras de Samos, que viveu no século V a.C., a invenção da palavra *Filosofia*, que teria afirmado que a sabedoria plena e completa pertence aos deuses, mas que os homens podem desejá-la e amá-la”. O ser humano é aquele que tem sede de conhecimento.

A partir desse entendimento observa-se que, desde sempre, o ser humano tem a preocupação de definir e conceituar termos e palavras. A linguagem é o lugar do tratamento, da delimitação e definição das coisas. Não é possível aprofundar sobre esse ponto, aqui, por não ser o escopo do presente trabalho, mas é imperativo mostrar

que o ser humano realiza com frequência o uso da linguagem a qual o constitui como sujeito falante (Bakhtin, 2002).

Nessa esteira, o campo das Ciências das Religiões delimita-se a partir da definição do termo: Religião, tal como encontrada na literatura. A pesquisa de Azevedo (2010), publicada na revista científica *Religare* resultou no artigo *A procura do conceito de religio entre Relegere e religare*. “O termo *Relegere* deixa transparecer atenção escrupulosa, o respeito, a paciência, inclusive o pudor e/ou a piedade” (Azevedo, 2010, p. 91). Segundo a autora, *Relegere* e *religare* são as bases teórico-ocidentais na formação do conceito de *Religio*, derivado de *religiosus*, continua afirmando: “o apoio de Cícero explica que designa o escrupuloso em relação ao culto”, cuja origem etimológica é o termo *religare*.

Faz-se *mister* observar que a etimologia das palavras está em um âmbito complexo e muitas vezes as interpretações entre os especialistas podem ser divergentes, principalmente quando se trata de termos enraizados historicamente. No entanto, mostrar as raízes dessas palavras no presente contexto contribui para esclarecer o campo desta pesquisa. *Religare*, por exemplo, tem em sua etimologia o significado de que é o laço que une o ser mortal com Deus:

Quando ouvirmos o termo *religio*, devemos ter em mente mais do que uma reconciliação entre as duas origens etimológicas possíveis; trata-se de uma complementariedade: observância escrupulosa do culto, a prática religiosa, e os laços de piedade e amor que unem os homens ao Deus único (Azevedo, 2010, p. 91).

Essa breve explicação da etimologia da palavra *religio* contribui para o debate sobre a origem e o conceito dos estudos religiosos, mostrando que não é algo consolidado, Azevedo (2010, p. 91) explica o uso antigo “que o relaciona ao escrúpulo, impõe uma única interpretação dada por Cícero (século I a.C.)”. “A religião tende a valorizar o laço que liga (*religare*) o homem a Deus segundo a célebre etimologia proposta por Lactâncio relacionando-a com *Relegere*” (Azevedo, 2010, p. 93). O conceito de religião, conforme a etimologia, valoriza o homem ligado a Deus.

Benveniste (1966, p. 71), linguista francês, em seu artigo *Problèmes de linguistique Générale* explica que a palavra “*religio* é incerta e tem várias teorias sobre a sua origem[...]”, a palavra *religio* “[...]tem origem obscura e expressa uma multiplicidade de sentidos e significados relacionados à religião, como cuidado com o

divino”, e até mesmo preocupação com o que é divino e, não apenas, com a ação de reunir-se a Deus.

Não há um consenso sobre a origem do referido termo e é possível encontrar, inclusive, várias hipóteses e teorias propostas por especialistas na área para definir *religio*. Não obstante, considera-se religião como uma “realidade social, um processo de comunicação específico que cria a realidade e ganha forma real através dos atos sociais” (Hock, 2010, p. 30), é este entendimento que delimita esta pesquisa em Ciências das Religiões. Espaço legítimo, um conjunto de práticas e crenças cuidadosamente reunidas ou reexaminadas em seu sentido primeiro. Para o Cristianismo os termos *religio* e *religare* (Azevedo, 2010) são tomados como sinônimos, embora as diferenças fundamentais explicadas anteriormente sejam levadas em conta a título de esclarecimentos epistemológicos.

Recorre-se ao pensamento de Derrida e Vattimo (2000, p. 54), que explicam: “nem sempre houve, continua não havendo e nunca haverá por toda a parte algo, uma coisa una e identificável, idêntica a si mesma que leve religiosos ou irreligiosos a ficar de acordo para lhe atribuir o nome ‘religião’”. Com efeito, o estudo etimológico da palavra não engloba toda a sua plenitude de sentidos e significados de um termo e não traduz uma compreensão própria porque carece do contexto, mas serve de base para a compreensão mais radical (Bakhtin, 2002).

A natureza do termo religião e do campo das Ciências das Religiões consistem em compreensões mais abrangentes do fenômeno religioso. Ainda assim, esta seção apresenta um recorte possível, haja vista que os intelectuais da própria área não entraram em consenso como denominar os estudos sobre as religiões. A discussão acadêmica de Teixeira (2001) em *A(s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica*, abordando o campo de pesquisa do estudo religioso, considera que “Em algumas obras brasileiras o termo ciência da religião vem pluralizado. Nesse sentido, percebe-se distância de entendimentos” (Teixeira, 2001, p. 3).

Justifica-se, portanto, a necessidade de situar o presente trabalho no campo das Ciências das Religiões enquanto a fenomenologia da religião (Teixeira, 2001), notadamente com possibilidades de diferenciações quando à aplicabilidade, abrangência e delimitações dos diferentes usos do termo Ciências das Religiões, em contextos bem definidos. Isso se dá devido a polissemia da linguagem, segundo Bakhtin (2003, p. 71), é preciso entender a linguagem “[...] pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação

verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”. Dada essa condição, a linguagem preenche qualquer espécie de função ideológica, científica, estética, moral, religiosa.

Essas abordagens acadêmicas das Ciências das Religiões, portanto, se complementam e se conectam perfazendo um campo multidisciplinar que contribui para a compreensão das religiões e seus impactos sociais. Com isso, o presente estudo insere-se nesta multidisciplinaridade. De modo amplo, conecta as Ciências das Religiões aos campos da Filosofia, Psicologia e Linguística.

Na perspectiva cristã, por exemplo, Santo Agostinho retoma o conceito de religião legado por Lactâncio e adota a ideia de que *religio* significa uma “ligação baseada na submissão e no amor entre o homem e Deus” (C.Prandi, 1987, p. 257). Eis uma definição que contextualiza toda a argumentação. Enfim, aqui não se entra no domínio da ideologia e, sim, no valor social dos usos do termo em realce, a fim de mostrar a plasticidade da linguagem (Bakhtin, 2002). Estudar Mônica consiste em me lançar luzes sobre esta vertente Cristiana de mãe e de mulher, cuja essência é a religião Católica como prática para a piedade e para o amor.

2.2 CONCEITO DE ARQUÉTIPO DO FEMININO DA MÃE SEGUNDO JUNG

Nesta seção, apresenta-se o conceito de arquétipo do feminino da mãe, apresentado no livro *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo* (Jung, 2000). Os conceitos fundamentais da psicologia analítica são: inconsciente coletivo, complexos, arquétipos e processo de individuação. Recorta-se o arquétipo do feminino da mãe porque representa a integração do inconsciente com o consciente, a mãe simboliza para o filho um relacionamento entre o eu e consciência (Jung, 2000), esta é a ligação com Mônica neste estudo.

O que se entende por arquétipo do feminino da mãe? Em suma, segundo Jung (2000), o arquétipo do feminino da mãe representa o aspecto universal da maternidade como imagem simbólica e relaciona-se com à criação, nutrição, proteção, e amor incondicional. O ser humano percebe os relacionamentos que o envolvem com a mãe no tocante à biologia e à psicologia:

O arquétipo é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo - representações que podem ter inúmeras variações de detalhes - sem perder a sua configuração original. Existem, por exemplo, muitas

representações do motivo irmãos inimigos, mas o motivo em si conserva-se o mesmo. Meus críticos supuseram, erradamente, que eu desejava referir-me a 'representações herdadas' e, em consequência, rejeitaram a ideia do arquétipo como se fosse apenas uma superstição. Não levaram em conta o fato de que se os arquétipos fossem representações originadas em nossa consciência (ou adquiridas por ela) nós certamente os compreenderíamos, em lugar de nos confundirmos e espantarmos quando se apresentam. O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias (Jung, 2000, p. 67).

A partir das palavras de Jung (2000), sobre representações simbólicas, compreende-se a denominação de arquétipos como complexos sociais que o ser humano obtém quando aceita o seu próprio inconsciente. As contribuições históricas, que concentram as origens tradicionais das religiões na perspectiva evolutiva ao longo do tempo, compõem-se de arquétipo e esta pesquisa engloba para além das disciplinas citadas, agregando a Sociologia, Antropologia e Cultura.

As religiões em relação à sociedade buscam compreender os aspectos cultural, sistêmico, psicológico, ritual e simbólico. O arquétipo do feminino da mãe representa “uma imagem coletiva de nutrição e segurança (a mãe positiva) e, a possessividade devoradora (a mãe negativa)” (Sharp, 1997, p. 43). O recorte desta pesquisa do arquétipo do feminino da mãe em Mônica se faz necessário para refletir sobre quem foi essa mulher, a mãe de Santo Agostinho, essa personalidade que recebeu destaque aos olhos do filho.

A psicologia tradicional de Jung (2011) adota o feminino e masculino no âmbito biológico, “Se alguém vive o sexo oposto em si mesmo, então está a viver no segundo plano da sua vida, e a sua verdadeira individualidade sofre. Um homem deve viver como homem e uma mulher como mulher” (Jung, 1999, p. 243). Nesta esteira, recorta-se Mônica em seu plano primário de vida, em contexto da sociedade medieval.

Sobre o arquétipo do feminino da mãe, há traços maternos tanto pelo lado amoroso quando pelo lado terrível. Jung (2000) pensou as formas em que a mulher se personifica como mãe. O suíço explica que no lado amoroso está a bondade, a autoridade feminina, a elevação espiritual, a fertilidade e o instinto de mãe e, no lado terrível, os atributos do sombrio, do oculto, da fatalidade e da sedução.

Nesse contexto Jung (2000) elenca os planos em que o arquétipo da grande mãe se deixa encontrar, um exemplo clássico é o plano espiritual, com a personificação da Virgem Maria, a mãe de Jesus Cristo, símbolo para a civilização ocidental, aquela que é *Anima* (alma). No ser humano masculino há, segundo Jung

(1999) a influência do materno, denominado de arquétipo do *Anima*, que pode ser entendido como “imagens arquetípicas do eterno feminino no inconsciente de um homem que formam um elo entre a consciência do ego e o inconsciente coletivo, e abrem potencialmente um caminho para o Si-mesmo” (Stein, 2006, p. 205).

O arquétipo da grande mãe se encontra em instituições que acolhem ou excluem, a exemplo da Igreja, da Universidade e da Cidade, podendo exercer papel acolhedor (Mãe Amorosa) ou excludente (Mãe Terrível). Por um lado, o papel da mãe é positivo, para qualquer indivíduo, ela cuida, nutre, protege, ama e sente compaixão. Estes atos são recebidos pelo filho com positividade e perfaz o desenvolvimento saudável e equilibrado da personalidade de cada um. Por outro lado, é um papel negativo quando se torna uma mãe superprotetora, excessivamente manipuladora ou até mesmo negligencia o cuidado em relação ao filho, “tornando-se uma sombra do arquétipo”, o que Jung (2000, p.71) denomina de distorção ou desequilíbrio do arquétipo da mãe.

Para além da discussão concentrando arquétipos ocidentais, a obra de Jung (2000) exemplifica arquétipos da grande mãe oriental, que não difere do que foi destacado, porém não serão citados aqui, devido a delimitação do tema e a exiguidade do tempo. Jung (2000, p. 93) afirma, “a imagem de mãe que temos não advém de construções históricas ou de lendas, mas sim da imagem primordial materna, que é de certo modo universal, variando apenas com a experiência de cada indivíduo”. Na relação mãe e filho o autor complementa mostrando que há uma relação “complexa e representada pela simbologia” (Jung, 2000, p. 95).

Na esteira do pensamento junguiano, a mãe é um arquétipo que está presente no inconsciente coletivo, é algo inato e projetado no feminino ao assumir, por exemplo, o lugar da avó, professora e líder espiritual. A mãe influencia a forma como o filho percebe-se humano e relaciona-se com a vida. Este aspecto da psicologia analítica de Jung (2000) é básico para estudar o papel Mônica como mãe e como mulher, a representação capaz e proeminente nas obras do filho, Santo Agostinho.

Resumindo, o conceito de arquétipo da mãe, segundo Jung (2011), como será visto posteriormente, pode ser encontrado em experiências e características relacionadas ao feminino como crucial na formação da psique e na vida autêntica e equilibrada no processo de formação do ser humano, incluindo elementos da criatividade, emoção, intuição e sensibilidade.

2.3 CONCEITO DE POLIFONIA DE VOZES SEGUNDO BAKHTIN

Analisa-se, neste trabalho, o discurso de Mônica nas obras agostinianas *Contra os acadêmicos* (1957) e *A vida feliz* (1998). Para tanto, recorre-se a base teórico-metodológica do conceito de polifonia de voz, segundo Bakhtin (2002, p. 4), em *Problemas da Poética de Dostoiévski* (PPD), “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski”. Com esse romancista nasceram os textos romanescos polifônicos, os quais apresentam tramas que nunca se resolvem por tornar visível a “essência que reside precisamente nesta inconclusibilidade” (Bakhtin, 2002, p. 5). A polifonia de vozes consiste em multiplicidade de vozes imiscíveis, superpostas, equipolentes e independentes.

Polifonia de vozes consiste na “multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski” (Bakhtin, 2002, p. 5). O dizer polifônico é precisamente a multiplicidade de consciências equipolentes, isto é, que tem igual valor e relação de identidade. Dostoiévski foi considerado o criador do romance polifônico (Bakhtin, 2002).

Para Grillo (2006, p. 124), “O último tipo ou a palavra bivocal, na fonte da noção de polifonia em Dostoiévski, é o objeto privilegiado dos estudos bakhtinianos. Dito de outro modo, vemos nessa tipologia o privilégio concedido à palavra a duas vozes”. Nesse caso, bivocal por ser uma palavra ampliada em duas. Ou seja, o discurso como expressão de um sujeito falante que não é monológico porque pode ser amplificado, ecoado mesmo em expressão única e irrepetível não se resume a um único dito, uma vez que inclui já-ditos. Todo ser humano move-se no seio social e forma sua argumentação tomando as vozes sociais e discursos pré-existentes, ressignificando e reelaborando os já-ditos para favorecer a comunicação.

O diálogo é, por excelência, o âmbito da coexistência e da interação de diferentes vozes, perspectivas e discursos na comunicação humana. Nenhum discurso é monológico, mas sim uma interação verbal (Bakhtin, 2002). Na polifonia de vozes não há um processo unidirecional, mas sim, dialógico, complexo, interativo e com múltiplas vozes. A teoria da polifonia de vozes de Bakhtin (2002) mostra o discurso do outro, que identifica, reconhece, interpreta as diferentes vozes que constitui o dito (Já-dito), a responsividade entre os sujeitos falantes. Bakhtin (1987)

ensina que a polifonia se desenvolveu na Idade Média para designar a canção popular cujo estilo era oposto ao canto monódico e uníssono da Igreja, por contar com várias vozes, conforme o livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de François Rabelais* deve ser consultado para melhor compreensão do pensamento do homem no medievo e da cultura popular desse período histórico.

Recorda-se por polifonia “uma metáfora formulada no contexto da música, significa a compreensão do estatuto do outro na composição do dito próprio do sujeito falante, a linguagem em uso enquanto processo criativo, ininterrupto. Concluída essa parte mais conceitual com as delimitações dos conceitos chave para o estudo dos livros em busca de elementos a fim de justificar a pesquisa, passa-se para a parte com o foco em Mônica, mostrando um pouco dessa mulher e mãe do medievo que merece destaque.

3 MÔNICA UM EXEMPLO DE ARQUÉTIPO DO FEMININO DA MÃE

Esta é uma seção voltada para Mônica, a fim de que se conheça melhor essa mulher que no medievo se destacou por ser a mãe de Santo Agostinho e receber do filho o registro de sua participação nas obras *Contra os acadêmicos* (1957) e *A vida feliz* (1998). Aqui, o objetivo é o de mostrar esta mulher no arquétipo do feminino da mãe de Jung (2011).

Basicamente, por arquétipo recorta-se a representação simbólica que ocorre repetidas vezes e não se tem clareza de como se origina. Arquétipos perpassam as experiências religiosas a partir das emoções, das filosóficas. É a repetição do símbolo em qualquer lugar do mundo e a qualquer época que reforça a criação de mitos, religiões e filosofias, caracterizando-se como ocorrências em diversas nações e épocas. Mônica, por exemplo, insere-se na abordagem das Ciências das Religiões a partir conceito junguiano de arquétipo feminino da mãe e agora passamos a explicar o porquê.

Ao apresentar a mãe e a mulher sábia, Mônica, Santo Agostinho fez mais uma contribuição além do legado filosófico-religioso de sua obra, uma vez que sem isso a voz dessa mulher restaria esquecida. Outra contribuição do filósofo e doutor da igreja, apenas para exemplificar, ficou registrada por Hannah Arendt (1982), que menciona, em *O primeiro Filósofo*, Santo Agostinho como aquele que explica filosoficamente *A vida do Espírito: o pensar, o querer, o julgar*, tese de doutorado, publicada

originalmente em 1929, com o título *O conceito de amor em Santo Agostinho* (Arendt, 1997). Nesta, mostra o medo como motivo existencial que guiou toda a reflexão agostiniana. As contribuições da filósofa Arendt (1997) corroboram a necessidade de se observar a obra agostiniana em relação à vida feliz.

Moraes (2009, p. 25) explica, “Sob a análise de Arendt, Santo Agostinho afirma que para esperar esse futuro da vida feliz é necessário já tê-la vivido, ter feito essa experiência”. As autoras Arendt (1982, 1997) e Moraes (2009) são referências imprescindíveis para o aprofundamento dos estudos agostinianos. Isso favorece o entendimento da presente pesquisa que se situa no medievo, tempo que deixou esquecido muitas vozes femininas, uma vez que outras mulheres além de Mônica, como dito, se destacaram, aqui, sobressai a voz de mãe de Santo Agostinho por conta do objeto de estudo e delimitação temática.

3.1 VIDA DE MÔNICA

A vida de Mônica foi contada no livro intitulado, *Santa Mônica: mãe de Santo Agostinho*, o leitor é advertido pelo autor Brugnolo (1940, p. 3): “Mônica não é dessas almas extraordinária cuja perfeição surpreende e desalenta a fraqueza humana. [...] ignora-se o nome do pai; o nome da mãe, Facúndia, nos é dado por tradição”. Para aprofundamentos este livro relata a vida dessa mulher desde a infância, mocidade, conversão, dedicação à oração pelo filho de tantas lágrimas, exemplo de mulher e morte.

Outro registro sobre a vida de Mônica foi feito pelo filho. Santo Agostinho, nas *Confissões* (1984), registrou: “Mônica Aurelius Agostinius Hiponensis nasceu no norte da África, em Tagaste, na Argélia, no ano 332 d.C. e morreu aos 56 anos, em Óstia, na Itália, no ano 387 d.C., como minha mãe posso afirmar que ocupou papéis sociais importantes”. Ainda muito jovem, Mônica achegou-se ao vinho demonstrando gosto exacerbado e mal hábito pela bebida a ponto da escrava, que “costumava acompanhá-la (Mônica) até junto do tonel, litigando um dia com sua jovem senhora, estando sós, lançou-lhe em rosto a intemperança, chamando-lhe com atrocidade insulto: ‘Bêbada!’” (Santo Agostinho, 1984, p. 224).

Sabe-se que não se prolongou esse péssimo hábito e que a família seguiu a tradição dando a mão de Mônica, aos dezessete ou dezoito anos, em casamento a

Patrício, homem com posição social e posses, cobrador de impostos, muito rude, pagão, conforme outra biografia, que registrou sobre a origem da família de Mônica:

A origem familiar abastada de Mônica tinha raízes cristãs, por isso recebeu ensinamentos de sua Dada, escrava que tinha a função de educar nos rígidos ensinamentos religiosos os filhos dos senhores. No medievo as famílias nobres entregavam a educação dos filhos a Dada, nome genérico para a escrava que cuidava das crianças (Costa, 2012, p. s/n).

Patrício era “membro da ordem dos decuriões do Conselho de Tagasta (cidade da Numídia, atual Sukh Ahras, na Argélia)” (Costa, 2012, p. s/n). Mesmo com um casamento conturbado, Mônica teve três filhos, Agostinho primogênito, Navígio e a terceira, que nada a seu respeito ficou registrado. Embora não faltasse nada de material em sua casa, é possível que na “qualidade de decurião seu marido provavelmente possuísse uns doze hectares de terra e tivesse uma razoável condição e posição social com escravos, olivais e vinhas” (Pereira, 1991, p. 11), Mônica foi infeliz no casamento, sofreu com infidelidade e maus tratos do marido.

Ao falar de sua mãe em relação ao pai, Segundo Santo Agostinho (1984, p. 225), confessou: minha mãe “Sofria-lhe também as infidelidades matrimoniais com tanta paciência, que nunca teve discórdia alguma com o marido, por este motivo”. Seguiu a tradição e suportou todo tipo de sofrimento. Na medida em que fora tomando consciência cristã, Mônica se preocupava com a conversão de sua família, rezando e buscando a Deus. Ela conseguiu que a conversão do marido ao catolicismo no seu leito de morte. De acordo com Santo Agostinho (1984), a mãe se consumiu em oração por esposo e filhos, principalmente para o resgatar, filho primogênito da miséria humana.

Certo dia, ao aconselhar-se com o bispo de Milão, Santo Ambrósio (1970), Mônica escutou: “Mulher, continue a rezar, pois é impossível que se perca um filho de tantas lágrimas” (Rohrbacher, 1959). Dias antes de morrer, ao ver o filho convertido, Mônica disse para o filho, que tinha 33 anos: “Uma única coisa me fazia desejar viver ainda um pouco, ver-te cristão antes de morrer” (Santo Agostinho, 1984, p: s/n). Mônica foi gratificada em vida, quando assistiu o filho declarar-se convertido ao catolicismo. Santo Agostinho, em *Contra os Acadêmicos* (1957) e *A vida feliz* (1998), consentiu que sua mãe participasse de diálogos filosóficos, imortalizando essa

mulher, quando não era permitida a presença d mulheres no espaço público. Conforme veremos a seguir.

4 POLIFONIA DE VOZES DE BAKHTIN APLICADA AO DISCURSO DE MÔNICA

O conceito de polifonia de vozes, aplicado ao discurso de Mônica, favorece a análise dos trechos extraídos, mais adiante, das obras agostinianas em tela, nas participações de Mônica, mostrando como essa mulher desenvolveu o seu pensamento e intencionalidade na sua argumentação filosófica e teológica, especificamente, católica.

4.1 CONTRA OS ACADÊMICOS (1957):

Inicialmente, analisa-se o livro *Contra os Acadêmicos*. (Santo Agostinho, 1957) e posteriormente, *A Vida Feliz* (Santo Agostinho, 1998). Ocorre que, até o presente, não foram encontradas pesquisas analisando a polifonia de vozes e o arquétipo do feminino da mãe. Este trabalho contribui tanto para o esclarecimento da postura da mulher, expondo suas ideias sobre o conceito de felicidade, como ratifica o arquétipo do feminino da mãe.

As intervenções de Mônica ao participar dos diálogos, em banquete natalício de seu filho, no medievo, mostram a sua capacidade de criação, nutrição, proteção, e amor incondicional para seu filho, bem como competência argumentativa sobre a questão como pode o ser humano alcançar a sabedoria e a felicidade? Explica o prefácio de *Contra os acadêmicos* (Santo Agostinho, 1957):

Aí é Santa Mónica, mãe de Agostinho, que responde à pergunta do filho, feita sobre afirmação idêntica à do diálogo CONTRA ACADÊMICOS, de que o homem deseja ser feliz: — «É feliz quem tem o que deseja? Respondeu dizendo: — Si Bona velit et habeat beatus est; si autem mala velit quamvis habeat miser est. «Se quer e possui o bem, é feliz; se quer o mal, ainda que o possua é desgraçado». (Santo Agostinho, 1957, p. 18).

Em *Contra os acadêmicos* (Santo Agostinho, 1957), o questionamento se pode o ser humano alcançar a sua realização pessoal a fim de saber a Verdade (com a letra V maiúscula), simbolizando a verdadeira sabedoria, tem-se a resposta: que se quer o bem em Deus, traz-se felicidade. O mal, traz para qualquer nação a desgraça a

qualquer custo. Na afirmação: “Se quer e possui o bem, é feliz” encontram-se outras vozes, a polifonia de vozes deste trecho é uma heterogeneidade constitutiva evocando o texto bíblico: “Feliz é a nação que tem o Senhor como Deus” (Salmos 33, 12).

Esse argumento remete ao fim (*telos*), para todo ser humano que vive em busca da sabedoria e da felicidade. Associa-se a voz do orador Cícero (106 a.C. – 43 a. C), considerado como referência quanto aos estudos de retórica, porque mostra o bem como o fim a ser atingido: “*Hortensius* de Cícero foi um texto fundamental para que se sentisse atraído pela Filosofia” (Santo Agostinho, 1957, p. 17):

E o argumento de Santa Mônica de que o homem que se contentasse com certos bens teria a felicidade não pela posse do desejado, mas pela moderação do desejo, aplica-se reflexamente ao sábio modelar que se julgasse feliz embora despojado de qualquer bem material (Santo Agostinho, 1957, p. 19).

Por fim, essa explicação, centrada no seguinte ensinamento: no bem, é aí que está a felicidade e, não, nas coisas em demasia ou no próprio mal que se possua, pois o mal é desgraçado, está ecoando a voz do filho. Não obstante essa participação, a fala de Mônica encontra-se marcada de modo efetivo no texto *A vida feliz* (Santo Agostinho, 1998), no qual extrai-se o posicionamento e o argumento mais literal.

4.2 MÔNICA NA OBRA *A VIDA FELIZ*

Santo Agostinho de Hipona (1998) escreveu o colóquio *A vida feliz* (1998), título original: *De beata vita*, (1998), cuja argumentação teológico-filosófica encaminha-se para a importância do alimento da alma, que é a conciliação entre ciência e fé. Embora seja um livro distinto ao escrito *Contra os acadêmicos* (1957), o ponto de contato que reside entre eles é a ênfase na espiritualidade e a união com Deus como único meio para alcançar a verdadeira felicidade, a temática sobre o homem ser feliz aparece em ambos os textos.

A vida feliz (1998) é um livreto, com 43 páginas, resultado dos diálogos por ocasião do aniversário de Santo Agostinho, em 13 de novembro de 386 d.C. O debate é proposto e conduzido pelo aniversariante, que reuniu na chácara de Verecundo, em Cassiciaco amigos e discípulos: Licêncio, Trigésio, seu irmão Návigo, seu filho Adeodato e sua mãe Mônica (Santo Agostinho, 1998, p. 111). Neste ambiente festivo, três dias foram suficientes para o diálogo filosófico sobre a vida feliz.

Uma breve descrição do contexto: após frugal refeição, na sala de banhos, em “ambiente tranquilo e adequado quanto à temperatura do momento[...]”, Santo Agostinho (1998) introduziu o diálogo afirmando quem primeiro iria responder à pergunta filosófica: “É feliz quem tem o que deseja? Primeiramente nossa mãe, a cujos méritos, estou persuadido, devo tudo o que vivo” (Santo Agostinho, 1998, 123). A resposta dela dirigia-se, inicialmente, para Trigésio, que havia manifestado dúvida acerca da vida feliz. O filósofo e doutor da Igreja concede à mãe, logo na apresentação, a honra de sua fala. Diante da indecisão de Trigésio em relação ao problema da felicidade, Mônica argumentou:

— Pois ainda hoje, tu mesmo nos mostraste como e de onde a alma tira o seu alimento. Posto que, pouco após o início da refeição, disseste que não tinhas notado de qual prato nós nos tínhamos servido. Isso porque, certamente, pensavas em não sei quê. Entretanto, não te privaste de tomar com as mãos e a boca sem prestar nenhuma atenção? Assim, acredita-me, é de tais alimentos, isto é, das próprias ideias e pensamentos que a alma se alimenta. Tomara que ela chegue a aprender algo por esse meio (Santo Agostinho, 1998, p. 126).

Ao se referir que a alma se alimenta de pensamentos e ideias Mônica as outras vezes em seu discurso ancoram-se por um lado no argumento clerical presente na Idade Média, na defesa fervorosa pela conversão, como na pregação do Bispo de Milão, Santo Ambrósio (1970) que Mônica ouvia e “amava como um anjo de Deus” (Rohrbacher, 1959, p. 215), que pregava anunciando o “Cristo como alimento da alma. Médico e fonte de vida” (Santo Ambrósio, 1970, p. s/n). Por outro lado, sobre o alimento da alma conforme Santo Agostinho argumentou: “Certamente, disse minha mãe, a meu ver, não existe outro alimento para a alma que não seja o conhecimento das coisas e a ciência” (Santo Agostinho, 1998, 126). Para o filósofo e doutor da Igreja, o ser humano necessita de conhecer a Deus, mesmo que seja um passo o conhecimento do campo acadêmico, não se pode limitar porque isso não traz felicidade. Para alcançar a felicidade deve-se buscar a Deus. Santo Agostinho (1998, p. 126) abre espaço para Mônica: “Minha mãe, nesse ínterim, tomou a palavra: Sim, se for o Bem que ele apetece e possui, será feliz” (Santo Agostinho, 1998, p.126). O uso da letra maiúscula indica o Divino.

Santo Agostinho (1998, p. 126) rejubila-se com as palavras da mãe, afirmando, “Alcançaste, decididamente, o cume da Filosofia. Pois, sem dúvida alguma, para exprimir teu pensamento apenas te falaram as palavras de Cícero”, tal como

expressou no livro *Hortênsio*. A contribuição de Mônica está destacada no trecho do diálogo quando da formulação da tese agostiniana: a vida feliz consiste em conhecer perfeitamente a Deus, na obra *A vida Feliz*. Em defesa de sua atuação, continuou concluindo “olvidando de todo o seu sexo, parecia-nos ver alguma grande personagem assentada entre nós” (Santo Agostinho, 1998, p. 126). As palavras do filho exemplificam a polifonia de vozes da mãe, que recorre às vozes da Filosofia no ato de argumentar sobre a felicidade. Ainda, Santo Agostinho (1998) ressalta, o fato de ser uma mulher não a impede de participar e contribuir para o diálogo. Neste ponto encontra-se o reconhecimento do arquétipo do feminino da mãe (JUNG, 2011).

Em determinado momento do diálogo Santo Agostinho questiona (1998, p. 126), “Quanto à alma, perguntei, ela não possui seu alimento próprio? Não lhes parece ser esse alimento a ciência?” Para essa pergunta a primeira resposta é a de Mônica: “A meu ver, não existe outro alimento para a alma que não seja o conhecimento das coisas e a ciência” (Santo Agostinho, 1998, p. 126), ela explica que são as ideias e o pensamento que alimentam a alma. Explicando que não basta ser um acadêmico, pois esse conhecimento é apenas material. Continua Mônica em sua resposta filosófico-teológica:

Uma coisa é possuir a Deus; outra, não estar sem ele. [...] Pelo que posso compreender, ponderou ela, eis a minha opinião: quem vive bem possui a Deus, mas como distante (*infestum*). E quem quer que esteja à procura, sem todavia o ter encontrado ainda, não possui a Deus nem propício nem molesto. Contudo, não está sem Deus (Santo Agostinho, 1998, p. 135-136).

Nesse ponto, claramente, está o posicionamento daquela que crer, a voz da Palavra de Deus para o seu discurso. Na polifonia de vozes encontra-se os sermões de Santo Ambrósio (1970) e a Bíblia Sagrada Católica (1990). Como personagem do diálogo, citado por primeiro, entre os presentes no banquete do natalício de Santo Agostinho (1998). Neste, é para Mônica que o filósofo e doutor da Igreja privilegia. Nas palavras dessa mulher está a polifonia do que é dito, ao emitir o seu parecer de mãe com base na Igreja Católica, portanto, contribuir para a tese a ser defendida no todo da argumentação sobre o conceito de felicidade. A voz de Mônica em seu argumento sobre a vida feliz conduzirá a formulação principal da tese agostiniana, há o entrelaçamento nas vozes de mãe e filho, conforma afirma a mãe:

Quanto a mim, replicou ela, parece-me que não há ninguém que não possua a Deus. Entretanto, aquele que vive bem possui a Deus como um amigo

benévolo, e quem vive mal, como alguém que lhe é distante”. (Santo Agostinho, 1998, p.140).

Na voz de Mônica está o conceito cristão de criatura, aquele que não existe sem o seu Criador, que é Deus, a quem é ligado de modo primordial. Para Santo Agostinho, naquele contexto, bastava contemplar a argumentação materna, reconhecer que era preciso se aproximar de Deus, renascendo a divindade como se “[...] estivesse dormindo na ‘mãe’ [...], no inconsciente e depois fosse acordado e combatido para que não sobrepujasse o homem e finalmente, passado pela morte e pelo renascimento: – mãe – forma nova e benéfica para o homem” (JUNG, 1999, p. 524) o fazia revigorado, assim como todos os interlocutores.

O arquétipo do feminino da mãe privilegia o inconsciente que se torna real quando o consciente não consegue captar a mensagem. O conteúdo invade a consciência de Santo Agostinho (1998), representado de forma arquetípica, que é vivenciado por ele, a saber, cumprir o destino para que se possa haver a transformação da criatura indomada (JUNG, 1999). Aquela percepção anterior que Santo Agostinho encarava antes de sua conversão em relação à sua mãe, na polaridade negativa, quando se estava na condição de criatura indomada, deu lugar a criação da vontade, positiva, a possibilidade de encontrar o “vaso materno do renascimento” (JUNG, 1999), que é o renovar-se na vida por meio desse lugar (ventre) acolhedor. E, assim, Mônica ia cumprindo o seu propósito, a conversão do seu filho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa perscrutou a mãe e mulher, Mônica, por meio de elementos extraídos dos diálogos teológico-filosóficos agostinianos, *Contra os acadêmicos* (Santo Agostinho, 1957) e *A vida feliz* (Santo Agostinho, 1998), observando os conceitos do arquétipo do feminino da mãe e da polifonia de vozes como bases teóricas para o estudo. Como supracitado, outras mulheres assumiram papel importante no medievo. Perceber a história de vida de Mônica remete a discussão sobre a sua atuação como mãe e como mulher a partir do recorte epistemológico da pesquisa, sem deixar de lembrar de outras mulheres proeminentes da época.

Na perspectiva das Ciências das Religiões, recorte necessário para delimitar o campo de estudo, o discurso de Mônica, sem desconhecer as demais celebridades do medievo, porém não entrando nessa seara por conta do restrito espaço, aqui,

ressoou nas obras de Santo Agostinho, o filho, e ecoou em muitos estudos, até os dias atuais. Não foram encontradas pesquisas concentrando os aspectos investigados, assim contribui-se para esclarecer o desenvolvimento do ser humano em relação aos elementos da *Anima* (alma), que é mediadora entre a consciência masculina e o inconsciente coletivo, bem como a formação da psique humana. Segundo Jung (2011), inconsciente coletivo consiste em camada mais profunda e universal da psique, o qual contém elementos psíquicos compartilhados por toda a humanidade. Isso se opõe ao inconsciente pessoal o qual compõe experiências pessoais e individuais na vida. No contexto junguiano o inconsciente coletivo constitui-se a partir de arquétipos, ou seja, padrões de pensamentos, símbolos, sentimentos, memórias comuns a todas as culturas e tradições ao longo da história. Disto decorrem o arquétipo do feminino da mãe, a exemplo de Mônica, que é representação simbólica para o seu filho porque se colocou perseverante em seu propósito, a saber, converter Santo Agostinho, aquele que estava perdido no mundo, para a Igreja Católica.

Santo Agostinho (1984, 1998) consentiu um espaço privilegiado à mãe, especificamente, nos diálogos supraditos, registrando o discurso de Mônica como contribuição teológico-filosófica para discussões sobre assuntos profundos da Filosofia, como é o conceito de felicidade. Esse ponto denuncia a importância que a mãe assumiu para a formação da sua psique.

O conceito de polifonia de vozes, segundo Bakhtin (2002), foi a base teórico-metodológica para a análise do discurso de Mônica nas obras agostinianas em realce. A investigação mostrou que os ditos da mãe estavam repletos de intencionalidade e de vozes outras, como o fundamento teológico advindo dos sermões de Santo Ambrósio (1970), bem como da Bíblia Católica (1990), a partir do Salmo, apenas para citar como exemplo. A polifonia de vozes explicitou o quanto Mônica foi proeminente em tempos difíceis para uma mulher conseguir se posicionar em espaços públicos.

Algumas temáticas desdobram-se para pesquisas futuras, como investigações abordando a abadessa Hildegarda de Bingen (1098-1179), a poetisa Cristina de Pisano (1364-1430) e a escritora Marguerite Porete (-1310), por exemplo. A contribuição dessas mulheres e de Mônica suscita outras pesquisas com o foco no imaginário do feminino no medievo, apenas para citar algumas perspectivas que ainda carecem de investigações, uma vez que este trabalho não pode ser considerado o desfecho definitivo do tema.

REFERÊNCIAS

- AMBRÓSIO, S. **De Virgínia**. São Paulo: Das Américas, 1970.
- ARENDT, Hannah. O primeiro filósofo da vontade. In: **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Tradução. Antonio Abranches, Cesar Augusto R. de Almeida, Helena Martins. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1982.
- ARENDT, Hannah. **O conceito de amor em Santo Agostinho**. Tradução: Alberto Pereira Dinis. Lisboa: Instituto Piaget, 1997
- AZEVEDO, Cristiane A. **A procura do conceito de religio: entre o relegere e o religare**. 2010. Revista Religare 7 (1), 90-96, março de 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/9773> Acesso em: 20 MAIO 2023.
- BENVENISTE, E. **Le vocabulaire des institutions indoeuropéennes**. Paris: Gallimard, 1966.
- BÍBLIA. **Bíblia sagrada**. São Paulo: Paulus, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. Introdução e tradução do russo por Paulo Bezerra prefácio à edição francesa de Tzvetan Todorov. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRUGNUOLO, A. **Santa Mônica: mãe de Santo Agostinho**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1940.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.
- C.PRANDI. **As ciências das religiões**. São Paulo: Paulus, 1987.
- COSTA, Ricardo. **A criação do ideal da mãe cristã na Idade Média: Mônica**. 2012. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/artigo/santa-monica-criacao-do-ideal-da-mae-crista> Acesso em: 03 ABR 2023.
- DERRIDA, Jacques e VATTIMO, Gionni (Org.). **A Religião: o seminário de Capri**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. **A metalinguística: por uma ciência dialógica da linguagem**. *Horizontes*, v. 24, n. 2, p. 121-128, jul./dez. 2006.

HOCK, Klauss. *O que é religião?* In: **Introdução à Ciência da Religião**. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

JUNG, C. G. **Símbolo da transformação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, C. G. A natureza da psique. In: **Obras Completas de C. G. Jung**, vol. VIII/ 2. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2011. In: JUNG, C. G. **Obras completas - Jung**. Vol. IX/1. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORAES, Suelma de Souza. **A dialética entre o conhecimento de Si e o conhecimento de Deus no Livro X das Confissões de Santo Agostinho**. (Tese de Doutorado). São Paulo: UMSP, 2009. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/526>. Acesso em: 01 MAI 2023.

PEREIRA, João Dias. Nota Biográfica sobre Santo Agostinho. In: AGOSTINHO, Santo Aurélio de Hipona. **A Cidade de Deus**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1991.

ROHRBACHER, Pe. **Vida dos Santos**. São Paulo: Ed. Das Américas, 1959.

SANTO AGOSTINHO, Aurélio de Hipona. **Contra os acadêmicos**: diálogo em três livros. Coimbra: Ed. Universitária, 1957.

SANTO AGOSTINHO, Aurélio de Hipona. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1984.

SANTO AGOSTINHO, Aurélio de Hipona. **A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 16(1), 76-82. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 15 ABR 2023.

SHARP, D. **Léxico junguiano**: dicionário de termos e conceitos. São Paulo: Cultrix, 1997.

VEYNE, P. **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.